

2°

**SEMINÁRIO  
JUVENTUDES  
E CIDADE**

28 à 29 / novembro

Instituto de Ciências Humanas  
ICH/UFJF

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

# ANAIIS

ISSN: 2237-485X



NUGEA | ufjf

Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

### APRESENTAÇÃO

Os Anais do Seminário Juventudes e Cidade partilham trabalhos selecionados e apresentados durante o evento organizado pelo Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação, da Universidade Federal de Juiz de Fora (NuGea UFJF). O objetivo do II Seminário, que teve sua primeira edição realizada em 2011, foi discutir e dar visibilidade à atual produção de conhecimento sobre as juventudes e sua relação com a cidade.

ISSN: 2237-485X

*Autor corporativo:* Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação – NuGea  
Instituto de Ciências Humanas – Departamento de Geociências, Universidade Federal de Juiz de Fora. Endereço: Campus Universitário – Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Martelos. CEP: 36036-900. Juiz de Fora – MG – Brasil.

Site: <http://www.ufjf.br/nugea/>

Contato: [nucleo.nugea@ufjf.edu.br](mailto:nucleo.nugea@ufjf.edu.br)

#### *Comissão Organizadora*

Coordenação: Profa. Dra. Clarice Cassab (*Departamento de Geografia – UFJF*)

Lilian Aparecida de Souza (*Doutoranda em Geografia – UFF*)

Aline de Vieira Souza (*Licenciada em Geografia – UFJF*)

Ana Júlia Coelho Patrício (*Graduanda em Geografia – UFJF*)

Lorenzo Rocha Jordano da Silveira (*Graduanda Geografia – UFJF*)

Marcelo Henrique de Sá (*Graduando em Geografia – UFJF*)

Marcos Benjamin Arroyo Silva (*Graduando em Geografia – UFJF*)

Milena Garcia Machado de Almeida (*Graduanda em Geografia – UFJF*)

*Organização e edição dos anais:* Lilian Aparecida de Souza

*Comunicação Visual:* Luíso Camargo

*Apoio:* Programa de Pós-graduação em Geografia da UFJF.

*Publicação eletrônica:* <https://www.ufjf.br/nugea/eventos/i-seminario-de-pesquisa-juventudes-e-cidade/ii-seminario-juventudes-e-cidades/>

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

## SUMÁRIO

<i>Cultura hip-hop e marginalização espacial: rodas culturais no Rio de Janeiro</i> .....1	João Pedro F. Pombo, Júlio M. Maneschy e Marcos V. F. Gonçalves
<i>O protagonismo juvenil em espaços de sociabilidade: caso “Resenha da Penha”, Matias Barbosa-MG</i> .....3	Vanely Andressa da Silva
<i>O encontro criativo da resistência com a voz do jovem: o fazer político</i> .....6	Bruna Damaceno Furtado, Leandra Camila Melo Campos e Ana Carolina Marendino Rodrigues
<i>“Rolê” no bairro: usos e percepções do bairro e da cidade por jovens de uma escola pública de ensino fundamental de Curitiba</i> .....9	Valéria Milena R. Ferreira e Rojanira Roque dos Santos
<i>Meu melhor verso só serve se mudar vidas: juventudes periféricas e direito à cidade</i> ..11	Matheus Sampaio Favrat dos Santos e Maria Jacqueline Girão Soares de Lima
<i>Juventudes refugiadas: narrativas de jovens estudantes refugiados de Duque de Caxias</i> .....14	Viviane Penso Magalhães
<i>A juventude negra da periferia: criminalização da pobreza, violência urbana e segregação sócio- territorial</i> .....17	Gilciere Aparecida Silva Gonzaga de Souza
<i>Vidas entrelaçadas</i> .....20	Rosemere Santos Maia, Caio Josafa Felipe, Erica Menezes de Souza, Karla Inajara do Amaral Raymundo, Luciana Simões da Silva, Milena Ferreira da Silva, Rebeca Santos de Souza, Stefanie Alves, Tainá Silva de Oliveira e Thais Souza da Costa
<i>Juventude, periferia e mobilidade urbana: uma experiência performática</i> .....22	Rosemere Santos Maia, Caio Josafa Felipe, Erica Menezes de Souza, Karla Inajara do Amaral Raymundo, Luciana Simões da Silva, Milena Ferreira da Silva, Rebeca Santos de Souza, Stefanie Alves, Tainá Silva de Oliveira e Thais Souza da Costa
<i>Reflexões sobre raça no ensino de geografia: um relato de experiência na escola estadual governador Jucelino Kubistcheck</i> .....24	Jordan Christian Portes Martins de Melo, Iago do Nascimento Silva, Leonardo Biage de Andrade e Gisele Barbosa dos Santos

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

*O trabalho de campo como ferramenta para a compreensão das relações entre o córrego Três Pontes e os estudantes da Escola Estadual Presidente Costa e Silva – Juiz de Fora/MG*.....26

Virginia Amaralinda Calabrez Martins, Flávio Augusto Souza Santos e Daniel Estevão da Fonseca

*Jovens cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade: apontamentos iniciais*.....29

Milena Garcia Machado de Almeida e Marcos Benjamin Arroyo Silva

*Primeiras experiências do projeto de extensão “Educação, direito e juventudes: política de cotas e democratização da universidade”* .....31

Aline de Vieira Souza e Marcelo Henrique de Sá

*Os sujeitos e a periferia: relações raciais e a representatividade no slam interescolar de Viçosa, Minas Gerais*.....33

Lilian Aparecida de Souza e Dayana Debossan Coelho

*Projeto de Pesquisa e Extensão “Rede de ensino-aprendizagem com juventudes populares de periferias urbanas – REDEPOP* .....36

Elaine Ferreira Rezende de Oliveira

*O Projeto Ágora: um diálogo com a juventude juizforana*.....38

Lorenzo Rocha Jordano da Silveira, Ana Júlia Coelho Patrício e Lilian Aparecida de Souza

*Onde estão os “Capitães da areia” da EJA?* .....41

Ana Carolina Costa Resende

*Juventudes transformadoras: a educação ambiental para a construção de cidades resilientes*.....43

Ana Luisa Andrade David, Cáio Machado da Silva, Felipe Guedes de Almeida, Gabriela Ribeiro Machado, Gabriela Guimarães Gouvêa de Oliveira, Gislaíne dos Santos, Iasmin Lívia Pereira Faria Alves, Jordan Henrique de Souza, Júlia Destro Paixão, Julia Jubini Martins, Lara Leite Sefair de Barros, Laura Fernandes Baptista de Oliveira, Lucas Garcia Ribeiro Silva, Mariana Tavares Sousa, Sophia Braga Carvalho e Vitória da Silva Araújo

# Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

1

## CULTURA HIP-HOP E MARGINALIZAÇÃO ESPACIAL: RODAS CULTURAIS NO RIO DE JANEIRO

João Pedro F. Pombo<sup>1</sup>  
Júlio M. Maneschy<sup>1</sup>  
Marcos V. F. Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** A cultura do Hip-Hop desde seu surgimento sofre com os obstáculos impostos pela cultura dominante e, longe de objetivos estritamente midiáticos econômicos, busca-se reinventar para ocupar espaços físicos e os ouvidos. No Rio de Janeiro, costuma-se organizar eventos em espaços públicos, ou seja, de livre circulação de pessoas, na intenção de valorizar, divulgar e ampliar a cultura Hip-hop incentivando o diálogo entre os quatro elementos do Hip-Hop (Grafite, DJ, MC e B-boy ou B-girl): são as chamadas Rodas Culturais. Elas acontecem semanalmente ou quinzenalmente, com batalhas de rimas entre MCs, o que constitui a principal atividade do evento. A partir de todo contexto socioespacial em que estão inseridos, emergem como um espaço plural de manifestação artística, cultural e, essencialmente, política, de engajamento social (OLIVEIRA, 2015) ocupando espaços da cidade que o poder público falhou ou nunca procurou dar atenção, ressignificando e revalorizando esses locais (praças, largos e viadutos, em sua maioria), além de se configurarem como um espaço de representação para os jovens identificados com o movimento hip-hop, para quem a roda se direciona na maioria das vezes (ALVEZ, 2016). As rodas culturais surgem como um artifício de divulgação e consolidação do Hip-Hop, exaltação da cultura marginal e como uma alternativa à promoção da cultura popular espontânea, assumindo o papel do Estado num contexto de valorização espacial, cultural e da autoestima dos frequentadores e dos consumidores da cultura hip-hop, que é fator importante para entendermos as relações sociais e ocupações do espaço urbano por essa juventude, que a partir dessas novas relações se enxergam também protagonistas de seu próprio espaço cotidiano – com destaque para a população jovem, negra e periférica, apoiada na descolonização de um

<sup>1</sup> Discentes de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

2

imaginário antes engessado em ideários europeus de estética e cultura -, além de produzir ações sociais em locais há muito esquecidos, ratificando a já citada função social. A cidade do Rio de Janeiro sofre com uma enorme desigualdade na oferta de atividades culturais e de lazer. A elevação do Hip-Hop à condição de Patrimônio Cultural de natureza imaterial do Estado do Rio de Janeiro abriu as portas e permitiu a expansão das rodas culturais, dispensando necessidade de autorização da Polícia Militar para ocorrer, o que gerou um aumento no número de rodas. Atualmente, a cidade do Rio de Janeiro conta com 111 rodas culturais que cumprem um papel fundamental na afirmação de uma cultura periférica e consequente engajamento sociocultural dos participantes. Este trabalho tem o interesse de analisar a distribuição espacial das rodas culturais através da contagem e dos mapas que elaboramos e de relacionar com conceitos e observações das dinâmicas sociais nas quais as rodas se inserem, com ênfase no público das rodas culturais - majoritariamente jovem.

**Palavras-chave:** Hip-hop; práticas espaciais dos jovens; rodas culturais; marginalização; geografia cultural

### Referências Bibliográficas

CORRÊA, Roberto Lobato. “Espaço: um conceito-chave da Geografia”. In: CASTRO, I.; GOMES, P.; CORRÊA, R. (org). *Geografia conceitos e temas*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. P. 15- 47. (Original de 1995)

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. *“Rap e política: percepções da vida social brasileira.”* 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2015

ALVEZ, Rôssi. “Resistência e empoderamento na literatura urbana carioca” *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. 2016, n.49, pp. 183-202.

**O PROTAGONISMO JUVENIL EM ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE  
CASO “RESENHA DA PENHA”, MATIAS BARBOSA-MG**Vanely Andressa da Silva<sup>1</sup>**DELIMITAÇÃO DO TEMA**

O conceito de sociabilidade possui diferentes abordagens e significações, mas de uma maneira geral poderíamos entender sociabilidade como a interação social espontânea sem motivações específicas. Quando falamos de espaços de sociabilidades juvenis, estamos tratando de espaços onde jovens se reúnem para desenvolver diferentes atividades, que envolvam interesses comuns como cultura, música, dança, religião, etc.

O antropólogo Carles Feixa utiliza o conceito de “culturas juvenis” para tratar de uma maneira mais ampla a questão da sociabilidade juvenil

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en, el, tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. (FEIXA, 1999, p.85)

A sociabilidade juvenil geralmente se desenvolve em momentos livres, quando seus agentes não estão envolvidos em atividades cotidianas como estudos e trabalho. Os espaços onde os jovens praticam sua sociabilidade são muito diversos, mas uma peculiaridade que podemos observar em estudos sobre sociabilidades juvenis é que a maioria desses espaços foram resignificados pelos jovens, ou seja, não possuem funções centrais voltadas para essas atividades.

O Evento “Resenha da Penha” que acontece no bairro Nossa Senhora da Penha em uma pequena cidade chamada Matias Barbosa em Minas Gerais retrata esse processo de adequação e resignificação de espaços, e nos evidencia o crescimento do protagonismo juvenil em lutar por espaços e momentos de sociabilidade. Atuando

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, vanely.geografia@gmail.com

o “como” querem interagir com outros jovens.

### **OBJETO**

O objeto de análise desse trabalho é o evento “Resenha da Penha”, que acontece desde 2018, especificamente durante a Copa do Mundo de Futebol, quando jovens do bairro se reuniram para preparar a praça do bairro para assistirem aos jogos com outros jovens da cidade. Desde então a Resenha da Penha tornou-se um evento mensal, onde jovens se reúnem para dançar, cantar, comer ou simplesmente “bater papo” com os amigos.

### **OBJETIVOS**

Pesquisar e Analisar o protagonismo de jovens na criação de espaços de sociabilidades, fazendo um paralelo entre os principais estudos dessa temática e o evento “Resenha da Penha”.

### **METODOLOGIA**

Utilizaremos diferentes metodologias para efetivar o principal objetivo do presente artigo. Primeiramente faremos uma revisão bibliográfica feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas acerca do conceito de sociabilidade e sociabilidade juvenil, através de materiais escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Em seguida analisaremos os dados obtidos através da pesquisa de campo no evento, onde adotamos o método da observação participante, com o objetivo de entender esse processo e seus sujeitos.

### **Referências Bibliográficas**

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1999

MAIA, Rousiley CM. **Sociabilidade: apenas um conceito**. Textos de Cultura e Comunicação, Salvador, v. 42, p. 22-43, 2001.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal**. São Paulo: Ática, p. 165-181, 1983



2°

SEMINÁRIO  
JUVENTUDES  
E CIDADE

28 à 29 / novembro

Instituto de Ciências Humanas  
ICH / UFJF

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

NUGEA | ufjf  
ISSN: 2237-485X

5

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo social**, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, 1993.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades**O ENCONTRO CRIATIVO DA RESISTÊNCIA COM A VOZ DO JOVEM: O  
FAZER POLÍTICO**

Bruna Damaceno Furtado<sup>1</sup>  
Leandra Camila Melo Campos<sup>2</sup>  
Ana Carolina Marendino Rodrigues<sup>3</sup>

Buscando compreender a dinâmica presente entre os conceitos de política, juventude e arte, este trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica da experiência estética articulada às mobilizações políticas feitas pela população jovem no cenário brasileiro atual. Destarte, faz-se necessário esclarecer sobre qual prisma entende-se os conceitos de juventude, política e arte, uma vez que se verificou a multiplicidade da juventude, assim como as possíveis compreensões de “política” e as diferentes vivências políticas diante das distintas formas de “ser jovem”. Nesse sentido, este trabalho busca visibilizar a dimensão da arte enquanto um dos mecanismos de subversão e crítica ao hegemônico, estabelecendo reflexões acerca do caráter político imerso no contexto das intervenções artísticas, assim como se busca explicitar a prática dessas artes como algo presente no agir dos jovens que se veem identificados e embebidos em algum movimento de luta social. Em relação ao cenário atual brasileiro, observou-se nos últimos anos uma progressiva polarização política e ideológica. Com os novos meios de comunicação tornando possível maior difusão de informações, viu-se um crescente interesse da população na participação de discussões que surgiram diante das polêmicas no contexto sociopolítico do país. Em meio ao cenário de tensão, observa-se que muitos jovens buscam sua participação política através de intervenções estéticas. Nesse sentido, entende-se que, a arte e a política são dois conceitos que podem ser compreendidos através do prisma em que a) Arte e política como figura e fundo; b) Arte como testemunha da narrativa sobre a política, a vida e a experiência (GUZZO; SPINK,

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

<sup>3</sup> Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

2015). Considerando o cenário de jogos de poderes e perdas do que nos move e nos tornar ativos na construção de redes emancipatórias e na luta por direitos, a difusão das criações artísticas cumprem papel de importantes formas de (re)invenções da vida e do cotidiano, entendendo a busca de sentido através da arte como um ponto de eclosão de estratégias de resistência, de não apagamento e de possibilidades criativas. Quando se atribui dimensões de vida política à arte, reinventa-se o espaço e a construção das especificidades dos tempos históricos. Para Foucault (1976), onde há poder, há resistência e a resistência impulsionada pela arte tece articulações entre as várias e transitórias resistências que criam formas de não silenciamento e subversão das lógicas existentes nas relações de poder que nos atravessam. A Psicologia da Arte a traz como elemento para além da dimensão poética, a entendendo indissociável da criticidade, então, o fazer artístico não pode se distanciar da realidade e seus acontecimentos. Ao relacionar a participação de jovens, pode-se pensar que são eles que, através da arte, proporcionam diferentes ações políticas, a partir de uma insatisfação com o cenário atual no qual suas vidas foram sujeitadas, trazendo ao mundo “as vidas dos não contados e suas distintas formas de ser e viver, daqueles que desequilibram a vida pautada por uma lógica de exclusão.” (MESQUITA; BONFIM; PADILHA; SILVA, 2016, p. 293). Assim, “o nível do conhecimento (teoria) e o da transformação histórica (prática) devem estar interligados.” (TARDIVO, 2012, p. 158). As reações que os trabalhos artísticos podem elucidar nas diferentes pessoas são advindos da realidade escolhida pela qual o jovem artista versará. Assim, surge a necessidade do resgate da memória histórica, capaz de falar dos esclarecimentos, confrontos e contradições de nossos povos e nossa política. Evidenciou-se que muitos jovens buscam com as intervenções estéticas sua participação política no cenário atual, produzindo identificações em suas trajetórias políticas. As manifestações artísticas podem ser compreendidas como um espaço de reflexão sobre das necessidades coletivas. Podemos então relacioná-las com o direito à cidadania, na medida em que proporcionam voz e visibilidade àqueles que assim se posicionam.

# Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

**Palavras-chave:** Arte; Juventude; Política;

## Referências Bibliográficas

BONFIM, Juliano; MESQUITA, Marcos Ribeiro; PADILHA, Erise; SILVA, Ana Cecília. **Juventudes e participação:** compreensão de política, valores e práticas sociais. *Psicologia & Sociedade*, 2016; 28(2), p. 288-297.

GUZZO, Marina Souza Lobo; SPINK, Mary Jane Paris. **Arte, dança e política(s).** *Psicologia & Sociedade*, 2015; 27(1), p. 3-12.

TARDIVO, Renato Cury. **Uma perspectiva poética-crítica em Psicologia da Arte.** *Psicologia Política*. vol. 12. nº 23. p. 153-160. JAN. – ABR. 2012.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades**“ROLÊ” NO BAIRRO: USOS E PERCEPÇÕES DO BAIRRO E DA CIDADE  
POR JOVENS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE  
CURITIBA**Valéria Milena R. Ferreira<sup>1</sup>  
Rojanira Roque dos Santos<sup>2</sup>

Neste trabalho, discutem-se resultados iniciais de uma pesquisa em andamento que objetivou investigar os usos e percepções dos espaços do bairro de moradia e da cidade por parte de estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola municipal situada na região norte de Curitiba. Por meio de um questionário com perguntas abertas foi possível observar que os estudantes mais jovens (do 6º ano) acessam menos espaços do bairro e da cidade do que os mais velhos (do 9º ano). No caso do primeiro grupo, o ambiente mais próximo de suas moradias (sua própria casa, casa de amigos e parentes) foi mais citado como espaço utilizado no tempo livre. Já o segundo grupo conta com uma maior variedade de espaços frequentados e de “pontos de encontro” importantes para a juventude, como as praças e as sorveterias do bairro. Quanto às opiniões sobre os espaços do bairro de moradia, os mais jovens fizeram observações mais gerais (como “legal” ou “ruim”), alguns consideraram aspectos positivos do bairro (calmo, quieto), mas a maioria destacou problemas tanto estruturais (asfalto, sujeira, engarrafamento, falta de calçadas), quanto sociais (violência, assaltos, tiroteios). Já os estudantes do 9º ano apresentaram um maior número de argumentos reflexivos sobre a estrutura do bairro, seus aspectos sociais e, especialmente, os relacionados à violência. Como os mais velhos apresentaram uma variedade maior de saídas pelo bairro, é possível que quanto mais circulem e conheçam novos locais, mais compreendam os problemas da

<sup>1</sup> Professora do Setor de Educação da UFPR e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação. Mestra e Doutora pela PUC/SP (Educação: História, Política, Sociedade). Estágio de pós-doutorado (2011/12) em Lumière Lyon 2 - França, Centro Max Weber. Email: valeriarohrich@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. E-mail: rojanira@gmail.com

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

comunidade. Quando questionados se o bairro e a cidade acolhem os jovens, os dois grupos foram enfáticos em afirmar que não são bem acolhidos. Enquanto os menores dizem que não podem sair sozinhos, ir a shows, enfim que não podem ir onde querem, tendo com isso, sua mobilidade reduzida, os maiores parecem já ter conquistado certa liberdade e autonomia no uso dos espaços do bairro e da cidade, mas criticam os abusos cometidos por policiais e a falta de valorização da opinião dos jovens. Ao responderem sobre quais melhorias implementariam no bairro caso fossem prefeitos ou prefeitas, os dois grupos mencionaram aspectos estruturais referentes à falta ou inadequação de equipamentos públicos (escolas, parques, postos de saúde, hospitais). Apontaram também a “rua” como um ponto central de suas críticas, reclamando dos “morros” que têm que subir e descer todos os dias, da falta do asfalto, da necessidade de arrumar os buracos das ruas, da falta de semáforos e lombadas para conter a alta velocidade dos carros, o que demonstra uma apropriação ativa, intensa mas também com vários problemas relacionados a uma mobilidade segura pelo bairro. Dentre os espaços de comércio, o shopping é pouco mencionado, o que demonstra que este não é um espaço utilizado pela maioria dos jovens da periferia. A segurança também foi muito mencionada (mais pelos mais jovens) e os dois grupos mencionam problemas de assalto, tráfico de drogas e violência. Outra categoria mencionada apenas pelo grupo do 9º ano foi a da saúde e a seu respeito citam a criação de hospitais, a reforma de postos de saúde e a melhoria do atendimento à população. Mesmo tratando-se de uma pesquisa inicial, os resultados preliminares indicam que quanto mais velhos, mais os jovens aumentam sua mobilidade espacial e isso influencia na maneira de analisar seu bairro e a cidade, aumentando sua criticidade acerca dos espaços públicos. Outro resultado relacionado a bairros periféricos, é a falta de espaços de lazer e cultura e de espaços adequados, seguros e interessantes para o público jovem

**MEU MELHOR VERSO SÓ SERVE SE MUDAR VIDAS<sup>1</sup>:  
JUVENTUDES PERIFÉRICAS E DIREITO À CIDADE**

Matheus Sampaio Favrat dos Santos<sup>2</sup>  
Maria Jacqueline Girão Soares de Lima<sup>3</sup>

Nesta pesquisa, buscamos identificar experiências produzidas por jovens estudantes de ensino médio de uma escola pública carioca, compartilhadas em um grupo focal, sobre suas práticas de consumo. Temos como objetivo compreender as interações das juventudes com suas realidades socioculturais e, a partir delas, as táticas criadas para a satisfação de desejos de consumo e/ou subversão dos dispositivos sociais de fomento ao mesmo.

As identidades juvenis frequentemente são alvo de um paradigma que estigmatiza a juventude como tempo de rebeldia e irresponsabilidade. No entanto, grande parte dos e das jovens das periferias estão sempre na *correria*<sup>4</sup>, se dividindo entre a escola e o trabalho para garantir o sustento de sua família. Quando lhes sobra tempo, muitos costumam transitar por espaços culturais forjados em seus territórios.

No grupo focal, pedimos aos participantes que falassem sobre seus sonhos de consumo e os sonhos que não envolvem consumo de bens materiais. Muitos estudantes demonstraram uma relação afetiva com seu bairro/favela ao compartilhar suas vivências. Uma jovem que frequenta a Roda Cultural da Rocinha contou que sonha em ser mestre de cerimônia (MC), porque, segundo ela, os produtores culturais da roda “estão sempre em prol da comunidade.” Essa jovem manifestou desejo em construir um projeto que tenha impacto transformador na vida das pessoas de sua comunidade, mostrando que é uma dos muitos sujeitos que constroem a nova cena cultural das ruas

<sup>1</sup> Verso da música *Ladrão*, do álbum homônimo do rapper mineiro Djonga. Com seu trabalho, Djonga subverte a linguagem carregada dos estigmas sociais que associam os jovens negros à imagem de ladrão, recuperando a autoestima de seu povo.

<sup>2</sup> Estudante de Licenciatura do Instituto de Biologia da UFRJ, pesquisa Juventudes, consumo e educação escolar.

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Educação da UFRJ.

<sup>4</sup> Gíria popular que tem o significado de estar bastante ocupado, fazendo muitas coisas ao mesmo tempo.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

com eventos que redesenham o espaço público e alimentam sonhos nas juventudes das periferias.

As rodas culturais são manifestações gratuitas auto-organizadas pelos artistas locais. Segundo levantamento realizado pelo site Arte de Rua e Resistência, hoje no estado do Rio de Janeiro há cerca de 130 rodas culturais que se multiplicam pelas periferias e favelas, forjando um intercâmbio cultural entre as juventudes. Se por um lado as rodas representam um refúgio aos sujeitos das periferias, por outro, tais manifestações não agradam ao Estado, que utiliza de suas forças para dar fim à rodas culturais e bailes funk e criminalizar seus artistas. Mesmo com as perseguições político-ideológicas, as juventudes estão cotidianamente resistindo com suas manifestações culturais que geram promoção social, movimentam o comércio local e mobilizam saberes e afetos de diversos sujeitos, cultivando interações sociais e ressignificando territórios.

Para os sujeitos dos sonhos narrados, suas liberdades estão condicionadas ao território de residência, ao poder aquisitivo ou mesmo à aprovação de sua conduta perante a família. Quando pensamos a circulação de corpos em territórios e suas produções culturais, falamos em direito à cidade, que é caracterizado por David Harvey como “direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade”, ou seja, a liberdade de se organizar e circular nos territórios, de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos. Foi apresentado como anseio coletivo desses jovens a possibilidade de trilhar caminhos que permitam o desvio de angústias e sofrimentos atrelados às leituras socioculturais que são feitas de seus corpos atravessados por questões de gênero, raça e classe.

Dialogamos com o pensamento de Nina Simone, para quem *liberdade é não ter medo*, para compreender a limitação do exercício da liberdade perante as complexas relações forjadas na *sociedade de consumidores*. A partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa, construímos elementos-chave para a compreensão de suas experiências face



**Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades**

aos contraditórios cotidianos nos quais estão inseridos. Concluímos que a cena cultural das periferias enquanto prefiguração de liberdade para os sujeitos jovens é uma abordagem frutífera para compreender a forma como as juventudes circulam nos territórios e constroem significados coletivos, a partir dos relatos e do confronto de suas concepções e experiências.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades**JUVENTUDES REFUGIADAS: NARRATIVAS DE JOVENS ESTUDANTES  
REFUGIADOS DE DUQUE DE CAXIAS.**Viviane Penso Magalhães<sup>1</sup>

“Lá eu conhecia os lugares, as coisas e muitas pessoas. Aqui não conheço muita gente, nem muitos espaços, meus amigos são os da escola. Mas é bom para viver”

(aluno angolano – 18 anos)

Este trabalho faz parte de uma pesquisa sobre as narrativas de estudantes refugiados do município de Duque de Caxias. Busca-se entender como esses sujeitos sociais oriundos da África, constroem seus modos de vida nos “territórios usados” aos quais pertencem aqui no Brasil.

Tais sujeitos fazem parte de um universo social muito heterogêneo, que Carrano (2008) define como “juventudes”. Existem várias formas de ser jovem, e estas são determinadas por condições sociais, culturais e geográficas experimentadas particularmente por cada jovem.

As narrativas colhidas em fotos e conversas evidenciam que estes jovens circulam de forma limitada, acessando e frequentando poucos lugares na cidade. Os espaços de convívio restringem-se à escala do bairro onde moram: igrejas, eventos para refugiados e a instituição escolar. Neste reduzido número de oportunidades para o convívio social, a escola se destaca como um ambiente de maior possibilidade para reconstrução de relações, afetos e referências sociais. Certamente estas relações não são formadas apenas de momentos positivos: alguns relatos evidenciam episódios de discriminação e xenofobia, que se misturam ao espaço de conflito e disputas característico do ambiente escolar.

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia UFF e licenciatura em História, especialização em Psicopedagogia, mestre em educação pela UERJ-FEBF e doutoranda em Educação na UFF.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

Além das experiências vividas coletivamente, relacionadas a fluxos migratórios, aos espaços de convívio com outros migrantes, inclusive os espaços relacionais, as questões individuais também são relevantes para a construção da identidade juvenil. Contudo, chegar ao cotidiano e à intimidade destes alunos supõe estratégias que se aproximam do método biográfico, pelo qual se pode “explorar os processos de gênese dos indivíduos no seio do espaço social, mostrando como eles dão forma a suas experiências, e como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”. (Delorymoberger, 2012)

Para chegar as narrativas, disponibilizei câmeras fotográficas para que estes jovens produzissem imagens de seus próprios cotidianos. As fotografias serviram, como referência para conversas com os sujeitos pesquisados. Estas tiveram por referência o quadro da entrevista compreensiva (Kaufman, 2013) momentos informais, possibilitando construir vínculos e desconstruir a relação hierárquica entre pesquisador/pesquisado.

Esta metodologia tem revelado muito sobre as relações destes jovens nos ambientes em que circulam. Seus espaços de convivências são muito restritos, não só por questão financeira, que inviabiliza a mobilidade, mas pelo medo de transitarem em lugares distantes de suas casas, devido à situação de portarem apenas o protocolo - Documento Provisório de Registro Nacional Migratório. A circulação cerceada restringe a convivência social, limitando sua circulação e pertencimento à cidade.

**Referências Bibliográficas:**

ACNUR. **Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados**. In IDEM. Manual de procedimentos e critérios a aplicar para determinar o estatuto de refugiado. Lisboa: ACNUR, 1996.

CARRANO, Paulo . **Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades**. In: Antonio Flávio Moreira; Vera Maria Candau. (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 1ed.Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1, p. 182-211.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

DELORY-MOMBERGER, Christine “Aborgagens metodológicas na pesquisa biográfica. In : **Revista Brasileira de Educação** ( São Paulo).v.17,n.51.set-dez. 2012. P.523-740.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013  
PAIS, José Machado, **Nas rotas do cotidiano**. In: Revista Crítica de Ciências Sociais,nº 37,jun.1993.

\_\_\_\_\_. **Vidas Cotidianas: Enigmas e revelações**. Cortes Editora. São Paulo.2003.

\_\_\_\_\_. **A construção sociológica da Juventude – alguns contributos**. *Análise Social*, Vol. XXV ( 1º - 2º ), 1990 (nº105-106),pp.119-134.

PETRUS, Maria Regina. “**Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro: imagens, relatos e diálogos**”. *Revista Travessia*. Ano XIII, Nº 37, p.17-24. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, Mai – Ago 2000.

\_\_\_\_\_. “**Refugiados congolezes no Rio de Janeiro e dinâmicas de “integração local”: das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais**”. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago 2003, pp 103-118.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades**A JUVENTUDE NEGRA DA PERIFERIA:  
CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA, VIOLÊNCIA URBANA E  
SEGREGAÇÃO SÓCIO- TERRITORIAL**Gilciere Aparecida Silva Gonzaga de Souza<sup>1</sup>

Objeto: A Juventude Negra e Pobre da Periferia da vila Olavo Costa

Metodologia: Pesquisa Bibliográfica “Histórico, Crítico e dialético”.

Nesta conformação drástica que se encontra a economia atual, podemos perceber que os jovens Negros e pobres não encontram lugar nesta sociedade, quando conseguem escapar do extermínio, são “por excelência excluídos”, pois não conseguem pelo menos a chegar num mercado de trabalho formal. Muitas das vezes sua saída e forma de atuar nesta sociedade, de garantir a sua sobrevivência e dos seus, se dá se inserindo, nas chamadas “redes ilegais”, sobretudo o tráfico de drogas, a falta de oportunidade de trabalho, tem levado aos jovens pobres a se integrarem através do “mercado ilegal”, que se dá através da comercialização de drogas. Como nos aponta KILDUFF (2010):

Trabalho este também que se apresenta de maneira perigosa, silenciosamente uma armadilha, pois, sendo na “ilegalidade”, são criminalizados, passíveis de punição, são levados a entrada neste “trabalho”, por falta de investimento por parte do Estado, assim como estava acontecendo nos Estados Unidos na década de 1970, quando conforme diz Wacquant apud (KILDUFF, 2010, p. 241) que [...] como também os graduais cortes orçamentários na assistência, na saúde pública, no ensino e na moradia [...]. Dessa maneira, o incremento das funções penais e policiais do Estado americano foi ocupando o lugar da política social, com forte deslocamento de recursos públicos de áreas sociais para a área de “segurança pública

Assim nos aponta, (COIMBRA & NASCIMENTO (2003 pág.28): “Os presos de 18 a 25 anos são cerca de 60% do total de presidiários (...) somados aos adolescentes

---

<sup>1</sup> Cursando o mestrado em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

internados em instituições” dede correção (como Febem) ou submetidos a outras punições”.

Entretanto o efeito mais drástico desta tragédia nos aponta Soares (2004, p, 130) que coloca:

Como tudo no Brasil, também a vitimização letal se distribui de forma desigual: são, sobretudo os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 anos e 24 anos que tem pago com a vida o preço de nossa insensatez coletiva. O problema já alcançou um ponto tão grave que já há um déficit que só se verifica nas sociedades que estão em guerra. Portanto, apesar de não estarmos em guerra, experimentamos as conseqüências típicas de uma guerra. Neste caso, uma guerra fratricida e autofágica, na qual meninos e meninas sem perspectiva e esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais), matam seus irmãos, condenando-se, também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia.

São estes jovens, pobres e negros, oriundos da periferia, que têm sofrido, com a violência, com os ataques aos seus direitos; não acham acesso ao mercado de trabalho, não tem acesso a uma educação de qualidade. Devido às circunstâncias, são forçados a assumirem papéis que não lhes pertencem. São “aliciados”, para o tráfico, como forma de sobrevivência de renda, ou até mesmos se prostituem para manterem a sua reprodução e de suas famílias.

Neste sentido, são “estereotipados”, são “malvistos”, como pessoas perigosas, passíveis de extermínio, como os próprios aliciadores visam seu próprio interesse, colocam esses jovens, uns contra os outros, para manterem suas “posições”, dentro deste sistema perverso de exploração dos mais “fortes” sobre os mais “fracos”. Soares (2004) aponta que eles mesmos “matam os seus irmãos”, no sentido de que tanto o “traficante”, mata se for preciso “os seus irmãos”, quanto os jovens matam-se uns aos outros nesta guerra do “tráfico” e de “posição”.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

### Referências Bibliográficas

COIMBRA, Cecília M. B.; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, P. C. & IULIANELLI, J. (orgs.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003;

KILDUFF, Fernanda. O controle da pobreza operado através do sistema penal. **Revista Katályses**, v. 13 n.2/jul./dez.2010. Florianópolis: UFSC, 2010.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. Centro de apoio operacional das promotoras de justiça da infância e juventude, boletim informativo n.66, a.VII, fevereiro/março de 2015. Disponível em: [http://www.mprj.mp.br/documents/20184/727543/informativo\\_fev\\_marco.pdf](http://www.mprj.mp.br/documents/20184/727543/informativo_fev_marco.pdf). Acesso em: 15 de nov. 2019.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

## VIDAS ENTRELAÇADAS

Rosemere Santos Maia<sup>1</sup>  
Caio Josafa Felipe<sup>2</sup>  
Erica Menezes de Souza<sup>2</sup>  
Karla Inajara do Amaral Raymundo<sup>2</sup>  
Luciana Simões da Silva<sup>2</sup>  
Milena Ferreira da Silva<sup>2</sup>  
Rebeca Santos de Souza<sup>2</sup>  
Stefanie Alves<sup>3</sup>  
Tainá Silva de Oliveira<sup>4</sup>  
Thais Souza da Costa<sup>5</sup>

A crônica tem como traço marcante o olhar para o cotidiano. Em geral, é resultado da vivência do cronista e de suas observações sobre a vida, sobre fatos banais do dia a dia, onde a linguagem informal/coloquial é sua marca, favorecendo a aproximação entre aquele que escreve e o leitor. A equipe de bolsistas do PET/Conexões “Caminhos de Santa Cruz” abordará a “periferia” a partir de um olhar de dentro, engajado, implicado, capaz de trazer à tona muitas das questões referidas à vivência cotidiana da juventude urbana pobre: trabalho, moradia, violência, cultura, lazer, mobilidade, cultura, dentre tantas outras. Histórias e vidas encontrarão no cenário escolhido para sua representação – um vagão de trem – o lugar ideal para seu cruzamento, seu enlace, seu embate. Crônicas vivas, faladas, sentidas, alegrias e feridas expostas sem medo, tendo como objetivo precípua trazer a periferia para o centro, torná-la visível aos olhos da academia, mostrar sua [im]potência e sua [des]graça. Doze narrativas referidas a muitas vidas (e mortes), todas de autoria dos membros do grupo, algumas já publicadas num livro organizado pela coordenadora do projeto- servirão de inspiração para o trabalho ora apresentado. No balanço do trem, as histórias serão contadas. Seus expectadores,

---

<sup>1</sup> Professora Titular da ESS/UF RJ.

<sup>2</sup> Graduandos e graduandas da ESS/UF RJ.

<sup>3</sup> Graduanda da EBA/UF RJ.

<sup>4</sup> Graduanda do IH/UF RJ.

<sup>5</sup> Graduanda do IP/UF RJ.



Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

personagens que na trama permanecerão “invisíveis”, serão Marias e Josés que, oriundos da periferia, deixam-se levar pelo movimento pendular diário, que os empurra de lá para acolá em direção ao sustento, aos sonhos, à formação profissional. Vidas que se cruzam, mas que nem sempre se olham.

**Referências Bibliográficas**

ASPERTI, Clara. *A vida carioca nos jornais: gazeta de notícias e a defesa da crônica*. Contemporânea. v. 4. n. 2, 2016. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17576>>. Acesso em 20 de Jul. de 2019.

DOMINGUES, A. *(Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?* Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série. Porto, vol. 10/11. 1994, pp. 5- 18. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>> Acesso em: 24 de Jul. de 2019.

MESA, Rafael. *La crônica, um gênero del periodismo literário equidistante entre la información y la interpretación*. Biblioteca Universal. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1431134>> . Acesso em 05 de Ago. de 2019.

MAIA, Rosemere (Organizadora). Rio Revisto de Suas Margens. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. 264 pag.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades**JUVENTUDE, PERIFERIA E MOBILIDADE URBANA: UMA  
EXPERIÊNCIA PERFORMÁTICA**

Rosemere Santos Maia<sup>1</sup>  
Caio Josafa Felipe<sup>2</sup>  
Erica Menezes de Souza<sup>2</sup>  
Karla Inajara do Amaral Raymundo<sup>2</sup>  
Luciana Simões da Silva<sup>2</sup>  
Milena Ferreira da Silva<sup>2</sup>  
Rebeca Santos de Souza<sup>2</sup>  
Stefanie Alves<sup>3</sup>  
Tainá Silva de Oliveira<sup>4</sup>  
Thais Souza da Costa<sup>5</sup>

O Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes “Caminhos de Santa Cruz” pretende, por meio do presente trabalho, debater diversas questões acerca da mobilidade urbana e de seus impactos na qualidade de vida dos moradores de áreas periféricas – especialmente da população jovem - tendo como foco a realidade dos usuários de transportes coletivos no bairro de Santa Cruz, situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A performance criada pela equipe apresentou, de maneira lúdica e divertida, aspectos relacionados aos desafios diários enfrentados pelos jovens do referido bairro em seus deslocamentos em direção ao trabalho, à escola, espaços culturais, bem como na busca por serviços. Por meio da "Minhoca de metal" - um jogo de tabuleiro - abordamos a rotina da população periférica, considerando os problemas encontrados pelos usuários do trem e do BRT (Bus Rapid Transit) - as minhocas de metal. Objetivamos proporcionar aos espectadores uma aproximação à realidade do bairro, problematizando a invisibilidade detida por Santa Cruz no contexto da cidade do Rio de Janeiro, o que faz com que seus moradores sejam submetidos a situações de

---

<sup>1</sup> Professora Titular da ESS/UF RJ.

<sup>2</sup> Graduandos e graduandas da ESS/UF RJ.

<sup>3</sup> Graduanda da EBA/UF RJ.

<sup>4</sup> Graduanda do IH/UF RJ.

<sup>5</sup> Graduanda do IP/UF RJ.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

preconceitos e estigmas. O nome do jogo foi inspirado na música intitulada: *Rodo Cotidiano* da banda carioca O Rappa. Em linhas gerais, a letra relata metaforicamente a rotina de um trabalhador urbano brasileiro, que enfrenta inúmeras dificuldades para chegar ao seu destino final. A composição faz uma análise crítica do papel que os trabalhadores detêm na sociedade, sendo vistos apenas como objeto de exploração de outrem, não tendo consciência sobre si.

**Referências Bibliográficas**

COSTA, R; SILVA, C & COHEN, Simone. (2012). “A origem do caos – a crise de mobilidade no Rio de Janeiro e a ameaça à saúde urbana.” *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 15, n. 30, pp. 411-431, dez 2013.

LAGO, L. C. “Desigualdade socioespacial e mobilidade residencial: a metrópole do rio de Janeiro nos anos 80”. In: *Cadernos Metrópole*. Número 2, 1999.

LUNARDI, V. L. “Problematizando conceitos de saúde, a partir do tema da governabilidade dos sujeitos.” Porto Alegre, v.20, n.1, p.26-40, jan. 1999.

REZENDES, M. “Influência do transporte sobre o nível de estresse dos trabalhadores: trajeto entre residência e local de trabalho.” Páginas 22-33. Ponta Grossa, 2012.

**REFLEXÕES SOBRE RAÇA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM RELATO DE  
EXPERIENCIA NA ESCOLA ESTADUAL GOVERNADOR JUCELINO  
KUBISTCHECK**

Jordan Christian Portes Martins de Melo<sup>1</sup>  
Iago do Nascimento Silva<sup>1</sup>  
Prof. Msc. Leonardo Biage de Andrade<sup>2</sup>  
Prof. Dra. Gisele Barbosa dos Santos<sup>3</sup>

O Programa institucional de bolsa de iniciação à docência, PIBID, proporciona aos bolsistas lidar com experiências diversas dentro de sala de aula, através de intervenções e percepções de dilemas que os alunos trabalhados proporcionam, dessa forma, além de aprender a lidar com situações variadas presentes em um ambiente escolar, existe também uma resposta recíproca pelos docentes, que se interessam pelas abordagens e intervenções atípicas, evitando até a evasão escolar. Durante o período de trabalho na Escola Estadual Governador Juscelino Kubitcheck a questão mais percebida e levantada, pelos alunos do sexto ano do ensino fundamental, foi a Étnico-racial, com o racismo protagonizando várias passagens, ações e falas ditas pelos alunos do JK. Assim, foi decidido que um trabalho deveria ser feito, com mediações e atividades em que eles pudessem ter a percepção do que estavam fazendo e quão prejudicial era pra toda uma escola.

Foram propostos alguns trabalhos de modo interativo, onde os alunos eram os protagonistas e sempre dado a palavra. A primeira intervenção lúdica proposta foi um vídeo intitulado “A origem da escravidão no Brasil”, que deixava explícito era uma escravidão exclusivamente definido pela cor da pele como o principal agente motivador. as crianças mais a par do processo de escravidão que ocorreu no território nacional,

---

<sup>1</sup> Licenciandas do curso Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

<sup>2</sup> Professor Supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

<sup>3</sup> Professora Coordenadora do Subprojeto Geografia do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

além disso, em outros encontros foram apresentados, também de forma interativa, outras atividades, com músicas, desenhos e descrições que continham formas de combate ao racismo, outro, foi um jogo do privilégio branco que de forma interessante, os pequenos puderam perceber que algumas pessoas sempre irão ser privilegiadas na corrida para conseguir um bom posicionamento social. Por fim, foi proposto um Quiz do racismo e nele continha perguntas de resposta rápida de “sim ou não” sobre a questão e o lugar do negro na sociedade em que pertencem.

A última atividade trouxe dados quantitativos pertinentes para se ter uma conclusão sobre o que eles acham da temática e como estão envolvidos com ela, sendo honestos quanto as respostas das questões levantadas, percebe-se que há sim uma porcentagem grande de preconceito e racismo realizado por boa parte dos alunos negros e pardos, justificável pela estrutura social estabelecida com o passar dos anos pela classe dominante, já que não existe o sentimento de pertencimento, eles negam sua cor. Validando Bersani diz em seu texto de 2017 que “um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até o topo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e portanto estar na configuração da sociedade, sendo ela neutralizada”. Temos que, a configuração social faz o racismo algo natural e protege aqueles que o faz, assim até o negro se sente à vontade em fazê-lo. Contudo, com a motivação e conversas espontâneas feitas pelos bolsistas, tem-se que o senso crítico dos alunos tem melhorado e percebendo melhor o racismo estrutural existente a sua volta.

### Referências Bibliográficas

BERSANI, Humberto. Racismo estrutural e o direito à educação. **Educação em perspectiva**, Viçosa, v.8, n.3, p.380-397, dez. 2017.

**O TRABALHO DE CAMPO COMO FERRAMENTA PARA A  
COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ENTRE O CÔRREGO TRÊS PONTES E  
OS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE COSTA E SILVA –  
JUIZ DE FORA/MG**

Virginia Amaralinda Calabrez Martins<sup>1</sup>

Flávio Augusto Souza Santos<sup>2</sup>

Daniel Estevão da Fonseca<sup>3</sup>

O trabalho de campo para o ensino de geografia exerce um destacado valor no processo de ensino/aprendizagem e na produção do conhecimento. Além de uma ferramenta didática, tem potencial para estimular a visão crítica do estudante, articulando a formação teórica com as constatações empíricas.

O estudante, a partir do trabalho de campo, pode relacionar as vivências da sua realidade com os conteúdos apresentados em sala e assim construir seu próprio conhecimento. Assim, o trabalho teve o objetivo de potencializar a compreensão, pelos estudantes, das modificações que os rios passam ao serem urbanizados.

Como metodologia, primeiramente houve a visita dos professores à área e, posteriormente, pontuaram os locais de paradas, traçando possíveis questionamentos a serem feitos aos estudantes. O conteúdo sobre bacia hidrográfica e rios foi trabalhado previamente em sala, com auxílio do livro didático, para que os estudantes percebessem que as teorias assumem um papel muito importante na prática. Deste modo, a articulação da prática com a teoria servirá para desvendar os mecanismos da produção do espaço.

Assim, no dia 01 de novembro de 2019 houve a realização do trabalho de campo com uma turma de sexto ano. A abordagem é pertinente também, pois, a temática está dentro do conteúdo proposto pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), dentro da

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa.

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>3</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

Unidade temática Natureza, ambiente e qualidade de vida. Guiado por três professores de geografia e auxiliado pelo professor de ciência e uma professora voluntária na segurança dos estudantes, o trajeto partiu da Escola Estadual Presidente Costa e Silva.

Na primeira parada, já conseguimos relacionar os conceitos trabalhados em sala e apontar a diferenciação presente ali: de um lado o rio completamente retificado e do outro preservando seus meandros, mas sem sua mata ciliar, observadas pelos próprios estudantes.

A partir desse momento caminhamos em direção a foz do córrego Três Pontes, sempre trabalhando a percepção dos estudantes com o esgoto que desaguavam no córrego e as plantas que insistiam nascer no concreto que cercava as águas do rio (cruzando com goiabeiras e pés de tomates). Por ter um número maior de professores, houve uma maior interação com os estudantes ao caminhar entre os pontos: os tímidos que gostariam de tirar dúvidas sem serem ouvidos, os contadores de história que relatavam alguma experiência de vida com aquele ou outros rios do bairro, e até aqueles que não paravam de se debruçar sobre as grades de contenção para observar as águas do rio correrem. Ao falar sobre a poluição e o lixo presente no rio, a aproximação com a realidade foi imediata. Alguns afirmaram que descartavam mesmo lixo ali já que “já era sujo mesmo” e também observou sacos de lixos em suas margens. Ao chegar quase na foz, percebeu-se que o rio desaparecia sob uma das principais vias arteriais da cidade e a Linha Férrea sobre o rio.

O trabalho de campo não possui um fim em si mesmo, mas um modo de provocar o interesse do estudante para o conhecimento e assim melhorar o processo de aprendizagem. Por isso, na volta para sala de aula, foi retomado alguns conceitos analisados durante o percurso, agora sob a ótica do Rio Paraibuna, com uma breve exposição de sua dinâmica, transformações ao longo dos anos e suas relevância para a cidade de Juiz de Fora. Da prática recém construída de volta à teoria hidrológica, dimensionando a percepção dos jovens com os rios que cortam a cidade.

**Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades****Referência Bibliográfica**

**BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.



**JOVENS COTISTAS E SUAS MEDIAÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS NA  
CIDADE: APONTAMENTOS INICIAIS**

Milena Garcia Machado de Almeida<sup>1</sup>  
Marcos Benjamin Arroyo Silva<sup>2</sup>

Este trabalho apresenta de forma sintética a pesquisa “Jovens cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade: política território e juventudes”, desenvolvida pelo NUGEA (UFJF) com fomento da CNPQ. Iniciada no primeiro semestre de 2019, se propõe pensar a relação jovem-cidade a partir das mediações que atravessam a vida desses sujeitos. Sendo assim, definir de qual jovem se fala – ou melhor, qual jovem fala – torna-se essencial, pois são muitas as juventudes. Tamanha pluralidade exige que seja feito um recorte que, todavia, nunca poderá ser unidimensional já que os jovens experimentam a juventude a partir de variadas mediações como classe, gênero, cor da pele, renda, trabalho, estudo e território.

Neste sentido, a pesquisa centra-se em jovens atendidos pela política de cotas, importante política de democratização do acesso ao ensino superior. Os participantes são ingressantes dos grupos A, B, D e E na UFJF incorporando todas as grandes áreas: ciências humanas, ciências sociais aplicadas, ciências exatas, ciências da saúde. O interesse, portanto, é entender os jovens na relação com a cidade tendo como mediação essa política. Isso porque compreendemos que estar na universidade representa uma nova experiência social que, em muitos casos, potencializa um leque de novas oportunidades e horizontes de vida aos ingressantes.

Para atingir o objetivo proposto foram construídas algumas mediações: jovens e trajetória escolar, jovens-trabalho-projeto de vida, jovem-racialidade, jovem- lazer, jovem-família-capital cultural. E a partir de tais mediações, a aproximação das

---

<sup>1</sup> Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista do NuGea.

<sup>2</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista do NuGea.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

trajetórias desses jovens numa perspectiva espaço-temporal está sendo feita, visando alcançar os usos e as apropriações que esses fazem da/na/pela cidade. Dessa forma, a pesquisa se divide em dois momentos: uma fase mais ampla, na qual são aplicados questionários gerais e ouvida a história de vida de alguns jovens, e outra mais minuciosa, que se constitui em reuniões periódicas para conversas e debates. Além disso, também estão sendo enviados pelos participantes registros fotográficos (via rede social) de lugares que eles perpassam cotidianamente, o que proporciona um conteúdo visual dos usos que esses sujeitos estão fazendo da cidade.

O projeto se encontra em processo. Até o momento foram aplicados dois questionários, um sobre lazer/cidade e outro sobre a vida escolar, atingindo um grande universo de estudantes em toda universidade. Além disso, estão sendo feitas reuniões periódicas para realização de debates com base nas fotos enviadas pelos alunos cotistas que participam da pesquisa e já foram realizados três encontros. A partir disso, alguns apontamentos já começaram a aparecer e o que se tem observado é que o contato com a universidade capacita intelectualmente, mas também amplia a visão de mundo desses sujeitos, por isso os possibilita estar e experimentar lugares com variadas funções (de lazer até trabalho) antes impensáveis. Assim como proporciona a desconstrução de preconceitos e mitos pelo intenso contato com o diferente, provocando inclusive maior criticidade na interpretação da realidade.

Há também diversos relatos atribuindo o uso de espaços culturais na cidade ao fato de pertencer ao âmbito acadêmico, proporcionando a ida ou instigando o interesse por tais. Contudo, o que se tem notado é que estar na universidade para esses jovens, apesar de problemas com excesso de tarefas do curso, questões financeiras e até mesmo de adaptação, visto que muitos são de outras cidades, corresponde estabelecer contato com um conjunto de possibilidades que irão refletir de forma positiva e direta no seu uso e apropriação da cidade.

**PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO  
“EDUCAÇÃO, DIREITO E JUVENTUDES: POLÍTICA DE COTAS E  
DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE”**

Aline de Vieira Souza<sup>1</sup>  
Marcelo Henrique de Sá<sup>2</sup>

A educação superior é responsável pela ampliação dos horizontes individuais e coletivos dos sujeitos, participando de sua formação em diversas esferas, tais como a intelectual, a profissional, a social. Através do acesso ao ensino superior, os sujeitos interagem também um conjunto de símbolos e signos que organizam a vida social e desenvolvem a competência para decifrá-los. Assim, mais do que uma oportunidade de conseguir uma profissão, a educação superior é um ponto importante de inflexão na trajetória dos jovens, nas suas perspectivas de vida e nas suas capacidades de reflexão e ação na sociedade. Ainda que seja circunscrito no campo dos direitos, educação superior no Brasil é nitidamente elitista. Apesar dos avanços, os dados de até então indicam tratar-se de um nível de ensino que carrega no seu interior, reproduz e alimenta as contradições da sociedade brasileira, que é profundamente desigual. O acesso ao ensino superior público no Brasil dá-se na correlação com as trajetórias sociais, econômicas e culturais dos indivíduos. Em uma sociedade que é fortemente marcada pela desigualdade na distribuição de bens econômicos, sociais e culturais, a possibilidade de acesso as instituições públicas de educação superior foi historicamente garantida para as parcelas mais privilegiadas da população. Nesta perspectiva, faz-se necessário políticas e ações afirmativas com a finalidade de democratizar o acesso à educação superior pública no país. O presente projeto de extensão nasce como desdobramento da pesquisa “*Juventudes cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade*” desenvolvida

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela UFJF. Contato: ufjf.aline.vieira@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciando em Geografia pela UFJF. Contato: marceloh101@hotmail.com

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

no Núcleo de Pesquisa Espaço e Ação – NuGea. Ao longo do percurso da pesquisa o grupo avançou no sentido de apreender como a entrada de jovens na Universidade fazendo uso da política de cotas representa um momento de inflexão nas diferentes dimensões em suas vidas, e, como a partir desse momento se reconfiguram a suas relações socioespaciais com a cidade. Em estreito diálogo com as atividades da pesquisa realizada pelo grupo, nasce a necessidade do desenvolvimento desse projeto de *“Educação, direito e juventudes: política de cotas e democratização da universidade”*. Ainda em fase inicial de suas atividades, tomando a democratização do ensino superior como uma urgência, ele é voltado aos jovens das escolas públicas da rede básica de educação de Juiz de Fora. Pretende-se com ele promover atividades em que se apresente e discuta a política de cotas e temas afins, com a finalidade de potencializar seu alcance e instrumentalizar os sujeitos para o seu acesso. O objetivo desse trabalho é, portanto, apresentar as primeiras experiências desenvolvidas no bojo do projeto que perpassam a discussão teórica acerca do tema, o contato com as escolas e a organização metodológica das atividades.

**OS SUJEITOS E A PERIFERIA: RELAÇÕES RACIAIS E A  
REPRESENTATIVIDADE NO SLAM INTERESCOLAR DE VIÇOSA, MINAS  
GERAIS**

Lilian Aparecida de Souza<sup>1</sup>  
Dayana Debossan Coelho<sup>2</sup>

“Poesia em riste, a palavra insiste, a periferia existe” (SLAM AKEWI)

A escola é um espaço plural, dinâmico que se (trans)forma a partir da interação dos sujeitos que dela participam diretamente, mas também pelas relações sociais que ocorrem fora de seus muros. Ao adentrar a realidade socioespacial em que os alunos estão inseridos, observa-se que escola e a educação, de forma geral, são fundamentais para o desvelamento dos conflitos, das alteridades e desigualdades que permeiam o cotidiano educacional. Partindo da compreensão de que a escola é uma estrutura constituída por distintos sujeitos socioculturais em interação com os demais (DAYRELL, 1999), pretende-se neste trabalho refletir sobre um dos inúmeros aspectos do complexo cenário da formação identitária dos alunos da Escola Estadual Raul de Leoni (E.E.R.L) – localizada em Viçosa, Minas Gerais, no bairro periférico Santo Antônio. Para tal, realizou-se coleta de dados no Sistema Mineiro de Administração Escolar (SIMADE), a fim de caracterizar os sujeitos dessa escola e pesquisa junto ao *Slam Akewi*.

Os dados mostraram que os sujeitos que integram a instituição têm nível de renda baixo e possuem relação afetiva com a escola, pois é neste espaço que passam grande parte do dia, estabelecem sociabilidades, encontram o diferente e constroem conhecimentos. Ou seja, a escola tem um importante papel na constituição da condição juvenil dos sujeitos jovens (BENTO, 2015). Quando se lança luz sobre a composição

<sup>1</sup>Doutoranda em Geografia na Universidade Federal Fluminense, e-mail: souzaa.lilian@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>Licencianda em Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e-mail: dayana.coelho@ufv.br.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

34

étnico-racial dos jovens estudantes, os dados fornecidos pelos educandos de forma auto declaratória apresentam o seguinte arranjo: 56,8% dos alunos se consideram pardos; 17% pretos; 20,3% brancos; 0,2% amarelos e 5,7% não informaram. Esse panorama mostrou que os jovens da E.E.R.L são em sua maioria pobres, negros e moradores da periferia de Viçosa. Entretanto, apesar disso, os debates étnico-raciais permanecem invisibilizados na escola, promovendo um silêncio desconcertante.

Entendendo que o ser jovem é condicionado pelas experiências, pode-se inferir que os estudantes da E.E.R.L vivenciam sua juventude através da distinção corpóreo-territorial de direitos. Entretanto, se colocam no mundo como sujeitos ativos que através de suas práticas travam importantes discussões na escola, em outras instituições de ensino e na cidade. Uma das suas formas de ação é através da participação no *Slam Akewi*, que desenvolve desde 2017 o *Slam Interescolar* em Viçosa.

*Slam* é a forma de identificação das batalhas de poesia na qual os poetas declamam poemas autorais em no máximo três minutos e são avaliados pelo público presente. No *slam*, questões da atualidade são debatidas em formas de poesia e temas como cidade e periferia, juventude, cultura, corporeidade, desigualdade socioespacial, política e identidade são apresentadas (D'ALVA, 2014). O *Slam Akewi* nasceu na escola e aos poucos passou a ocupar a rua como uma ferramenta pedagógica potente, na qual a poesia é apropriada e contextualizada conforme a realidade dos estudantes. O movimento realiza intervenções artísticas e oficinas mensais na cidade, além de produzir material informativo e didático, sobretudo, sobre oralidade e ancestralidade. O objetivo do projeto é (re)elaborar a compreensão sobre essas manifestações culturais e artísticas periféricas nas escolas e na sociedade em geral. Ele teve seu ápice quando em 2017 um dos poetas do *Slam Akewi* venceu a Batalha de Poesia Interescolar de Viçosa, ganhando o prêmio *Slam Raul de Leoni*.

Observou-se que no ambiente escolar os jovens estabelecem constantes trocas, socializam, constituem conhecimentos, identidades e se organizam em grupos, tal como *Slam Akewi*. Isso possibilitou aos jovens negros da E.E.R.L a conquista de um espaço

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

de representação e divulgação de suas ideias, lutas e demandas, ao funcionar como um canal de vizibilização e ressignificação das identidades da periferia e cultura africana.

### Referências Bibliográficas

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 136-161.

BENTO, I. P. A cultura geográfica de jovens escolares. In: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (Orgs.) **A cidade e seus jovens**. Goiânia: PUC Goiás, 2016, p.37-52.

ESTRELA D'ALVA, R. E. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SISTEMA MINEIRO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR (SIMADE/MG). **Monitoramento da Escola Estadual Raul de Leoni**. Disponível em: <<https://www.simadeweb.educacao.mg.gov.br/SimadeWeb/login.faces>>. Acesso em: 04 out. 2019.

**Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades****PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO “REDE DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM COM JUVENTUDES  
POPULARES DE PERIFERIAS URBANAS – REDEPOP”**Elaine Ferreira Rezende de Oliveira<sup>1</sup>

O presente resumo se constitui em um relato de experiência das ações do Projeto REDEPOP realizadas com juventudes periféricas e que articulam práticas de ensino, pesquisa e extensão. O projeto é realizado em espaços de educação formal, não formal e na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), localizada no Leste Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, o REDEPOP apresenta os seguintes objetivos: a) provocar o diálogo entre as juventudes de periferias urbanas, universidade, escola e comunidade; b) trabalhar com diferentes linguagens das culturas juvenis no processo de ensinoaprendizagem c) reconhecer a cultura jovem local; d) refletir sobre a historicização das chamadas artes urbanas; e) construir uma rede (a REDEPOP), que terá como escopo articular os saberes produzidos nesse território com vistas a promover o reconhecimento público dessas ações. O REDEPOP é desenvolvido metodologicamente, por meio de oficinas e atividades que utilizam diversas linguagens na prática pedagógica em espaços de educação formal e não formal, tais como: rodas de rap e funk, rodas de conversa, apresentações de dança e musicais. Todos os seus espaços de ação encontram-se em periferias urbanas e colocam em diálogo os seguintes sujeitos: jovens, docentes e discentes da FFP e da Educação Básica e superior das redes públicas dos municípios do Leste Fluminense, movimentos sociais e a comunidade local, especialmente, os sujeitos que se encontram nos espaços onde ações culturais e

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ).



Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

educacionais com juventudes populares são desenvolvidas. Além disso, como resultados adicionais desse projeto que articula ensino, pesquisa e extensão, esperamos que os estudantes de graduação das diferentes licenciaturas da FFP-UERJ, consigam compreender que seu processo formativo está vinculado diretamente ao diálogo com a cultura local das juventudes das periferias urbanas e desse modo possibilitar a construção, reconstrução e experimentação dos conhecimentos acadêmicos em diálogo com os modos como os jovens de periferias urbanas aprendem, interpretam e compreendem o conhecimento presente no currículo escolar e a cultura local.

**Referências Bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997a. p. 693-732.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42ª edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

OLIVEIRA, Heli Sabino de. OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende. Juventudes, Periferias e o debate teórico acerca dessa temática no campo da educação. **Ensaios Filosóficos**, Volume XIX – Julho/2019. Retirado de <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/#edicoes>, baixado em 10 de novembro 2019.

OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de. Educação Popular e Juventudes em periferias urbanas: a escolarização dos jovens na linha de fogo. In: TAVARES, Maria Tereza Goudard, ALVARENGA, Marcia Soares. SILVA, Catia Antonia da. **Educação Popular, movimentos sociais e formação de professores: os 50 anos do golpe militar de 1964 e a mobilização de inéditos viáveis no campo social e educativo**. 1ª ed. – São Paulo: Outras expressões, 2015.

STRECK, Danilo. et al. **Educação Popular e Docência**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

STRECK, Danilo. et al. Uma pedagogia do movimento: os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 18, n. 36, p. 165-177, jan/abr. 2009.

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades**O PROJETO ÁGORA: UM DIÁLOGO COM A JUVENTUDE JUIZFORANA**

Lorenzo Rocha Jordano da Silveira<sup>1</sup>  
Ana Júlia Coelho Patrício<sup>2</sup>  
Lilian Aparecida de Souza<sup>3</sup>

Este trabalho relata a experiência do encontro do Projeto Ágora: cidade e política em Juiz de Fora, iniciativa do Núcleo de pesquisa Geografia, Espaço e Ação - UFJF, com os jovens da Escola Estadual Maria Ilydia Resende de Andrade (MIRA) em Juiz de Fora. Pretende refletir sobre as representações sociais estabelecidas a partir da mídia sobre as juventudes moradoras das periferias urbanas.

Para tanto, é necessário compreender que a juventude não é apenas tempo cronológico ou período de transição entre a infância e a vida adulta, constituindo-se para o jovem “como processo, momento determinado e dotado de singularidades e particularidades” (CASSAB, 2015, p.66). Concebida desta maneira, a juventude ganha centralidade no processo constitutivo da vida social do sujeito, que cria possibilidades de viver e de ser a partir das diversas mediações que permeiam sua vida e da realidade socioespacial a qual está inserido.

Nas periferias das cidades capitalistas, a vida dos jovens é marcada pelas desigualdades socioespaciais e pela experiência diária, principalmente os de pele preta, da distinção corpóreo-territorial de direitos. São esses jovens os que mais sofrem com as representações e estigmas difundidos sobre as periferias e seus habitantes. No senso comum eles são bandidos, violentos, vagabundos (BARBOSA, 2013).

Essas representações estabelecidas em função do medo são produzidas através

---

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista do NuGea-UFJF. Contato: lorenzorocha10@yahoo.com

<sup>2</sup> Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, participante do NuGea-UFJF. Contato: anaj\_cp@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do NuGea-UFJF. Contato: souzaa.lilian@yahoo.com.br

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

de processos ideológicos, e difundidas no senso comum forjam cotidianamente no imaginário coletivo determinadas concepções e visões de mundo. Nesse processo, os meios de comunicação de massa assumem papel fundamental (MOSCOVICI, 1978).

Partindo deste entendimento, o NuGea realizou uma conversa pública do *Ágora* com os jovens do Frutado de Menezes, bairro periférico composto por trabalhadores empobrecidos e majoritariamente negros, localizado na região sudeste de Juiz de Fora. O *Ágora* é um projeto que realiza em diversos pontos da cidade a discussão de questões referentes à produção social do espaço, numa dimensão educativa e formativa que promove a troca de conhecimentos entre a universidade e os sujeitos que habitam a cidade (NUGEA, 2008).

Nesse sentido, foi realizado um debate com os jovens que estudam no MIRA sobre as representações do bairro na mídia. A conversa iniciou com o jogo dos privilégios, no qual os participantes se movimentavam de acordo com suas histórias de vida, aonde cada passo refletia as desigualdades socioespaciais e questões raciais, de gênero e sexualidade. A partir do jogo, ficaram explícitas as desigualdades, a distinção corpóreo-territorial de acesso aos direitos básicos, experiências de racismo, violência e o medo das mulheres ao circular pela cidade.

Logo depois discutiu-se sobre como as reportagens diferem quando falam de jovens de periferia e de jovem de classe média, moradores de bairros elitizados. Essa distinção foi rapidamente percebida pelos participantes e fomentada por algumas manchetes de jornais a respeito do Frutado de Menezes. No jornal *Tribuna de Minas* a maioria das matérias se referem ao tráfico de drogas, operações policiais, tiroteios e execuções. Raras eram aquelas que tratavam da vida no bairro.

Os jovens interviam argumentando que muito do que se diz não é verdade, e contaram histórias que mostravam o reflexo dessas representações sociais difundidas sobre eles e sobre o Frutado em suas vidas. Relataram que convivem cotidianamente com o estranhamento, o constrangimento e com a imobilidade de seu corpo, o que acaba por interferir na realização das atividades sociais básicas. Entretanto, esses mesmos

Pensando as práticas espaciais dos  
jovens nas cidades

jovens apresentaram iniciativas, tais como o Grêmio estudantil, que criam e recriam coletivamente conhecimentos, identidade e pertencimento e contribuem para que esses sujeitos e territórios sejam reconhecidos para além das representações difundidas pelos grupos midiáticos e uma parcela da população.

**Referências bibliográficas**

BARBOSA, J. L. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa (PPGEO/UFF) **I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade** Instituto de Ciências Humanas Universidade Federal de Juiz de Fora 6 de outubro de 2011. *Revista de Geografia*, Juiz de Fora, número especial, v.3. 2013. Disponível em: <http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/geografia/article/view/17964/9271>.

CASSAB, C. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (Orgs.) *A cidade e seus jovens*. Goiânia: PUC Goiás, 2015, p.137-158.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NUGEA, Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação. *Projeto Ágora: cidade e política em Juiz de Fora*. Pró-reitoria de Extensão da UFJF: Juiz de Fora, 2018

## ONDE ESTÃO OS “CAPITÃES DA AREIA” DA EJA?

Ana Carolina Costa Resende<sup>1</sup>

Toda professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sabe por experiência profissional o que a bibliografia da área testemunha: os jovens cada vez mais intensamente frequentam as salas de aula da modalidade. Isso significa que o princípio pedagógico e político de reconhecimento de quem são seus educandos e suas vivências, cada vez mais se realiza em face do debate sobre as juventudes. Como a presença expressiva das juventudes na EJA afeta o trabalho de construção curricular nas aulas de ciências foi a questão principal que a pesquisa de mestrado "A complexidade curricular no fazer de uma educadora de ciências em uma EJA cada vez mais jovem" buscou enfrentar. A ideia de currículo como prática de Gimero Sacristán (2000), de currículo como território de disputa de Miguel Arroyo (2013), o uso da história oral de vida e a observação com inspiração etnográfica garantiram a produção de um contexto de inteligibilidade teórico-metodológico centralizado na análise da ação curricular de uma professora de ciências de Juiz de Fora. Pelos limites dessa produção serão abordadas apenas algumas considerações da pesquisa em que o debate sobre juventude e cidade ganha mais ênfase.

A professora ao falar de seus jovens alunos da EJA, conta que considera muitos deles alienados devido ao lugar em que vivem, diz ainda: “Eles são excluídos. Muitas vezes é devido ao problema das brigas de gangues, de grupos diferentes que fazem com que eles muitas das vezes não passem das fronteiras de um bairro para o outro [...] Outra questão é que muitos ali não têm acesso ao cinema, não têm acesso ao teatro [...] quando esses alunos chegaram ao teatro, devido eles serem da periferia, serem pobres, as outras crianças, as outras pessoas que estavam ali com um padrão de vida melhor, olhou para eles diferente [...] Isso para mim é fator de exclusão, privação deles de

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

acesso a outras atividades. A outro mundo”.

A fala explicita que a dimensão espacial da juventude incide diretamente em sua realidade. Processos de segregação, próprio da formação desigual do espaço são determinantes para as experiências de escassez e restrições manifesta no território onde habitam e onde suas vidas se desenvolvem, inclusive a escola. Os processos de opressão que os jovens são submetidos, que se expressam em seu uso e relação com a cidade, na expropriação dos equipamentos culturais e no preconceito que experimentam cotidianamente, são reconhecidos pela professora. Vivem o jugo de sua condição de classe que decreta os processos de dominação que operam a favor da alienação. Na obra de Arroyo (2013) há uma citação do livro “Capitães da areia”, que diz “[...] eram em verdade os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas”. Pela fala da professora podemos nos questionar, onde estão os Capitães da Areia da EJA? Os jovens negros e pobres que ainda assim conhecem e amam a cidade? A liberdade vista na obra de Jorge Amado é cada vez mais ceifada pela violência cotidiana alimentada pelas desigualdades sociais.

Desigualdades que não podem passar despercebidas pela educação escolar. Os currículos precisam salvaguardar o político na ação pedagógica. Certamente um desafio para nós professores de ciências marcados muitas vezes por noções de neutralidade e objetividade ingênua em relação ao conhecimento biológico. O que fica desse episódio é nossa inquietação com o papel da escola e a inadequação dos currículos. Como podemos enfrentar esses processos de espoliação e contribuir para a reflexão de sua situação no mundo? Como trabalhamos para que se sintam como ‘donos da cidade’, capazes de refletí-la e recriá-la, seus poetas?

### Referências bibliográficas

ARROYO, M. G. Currículo, território em disputa. Petrópolis: Vozes, 2013.

SACRISTÁN, J. G. O currículo: Uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. 349 p.

**JUVENTUDES TRANSFORMADORAS: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A  
CONSTRUÇÃO DE CIDADES RESILIENTES**

Ana Luisa Andrade David<sup>1</sup>  
Cáio Machado da Silva<sup>1</sup>  
Felipe Guedes de Almeida<sup>1</sup>  
Gabriela Ribeiro Machado<sup>1</sup>  
Gabriela Guimarães Gouvêa de Oliveira<sup>1</sup>  
Gislaine dos Santos<sup>2</sup>  
Iasmin Lívia Pereira Faria Alves<sup>1</sup>  
Jordan Henrique de Souza<sup>3</sup>  
Júlia Destro Paixão<sup>1</sup>  
Julia Jubini Martins<sup>4</sup>  
Lara Leite Sefair de Barros<sup>1</sup>  
Laura Fernandes Baptista de Oliveira<sup>1</sup>  
Lucas Garcia Ribeiro Silva<sup>5</sup>  
Mariana Tavares Sousa<sup>6</sup>  
Sophia Braga Carvalho<sup>1</sup>  
Vitória da Silva Araújo<sup>1</sup>

O Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE) é um programa de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que, por meio do NASFE-Educação e em conjunto do projeto de extensão “Aprender para Prevenir: A Educação Ambiental no Contexto das Crianças do Ensino Fundamental”, propõe colaborar com as escolas da rede pública do município de Juiz de Fora no contexto do desenvolvimento da resiliência de comunidades em áreas de riscos. Em parceria com o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG/3º COB) e apoio da Defesa Civil da Prefeitura de Juiz de Fora e do Departamento Municipal de Limpeza Urbana

<sup>1</sup> Graduando(a) em Engenharia Civil – UFJF. Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE/UFJF).

<sup>2</sup> Professora Doutora Engenheira Civil e Vice-Coordenadora do Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE/UFJF).

<sup>3</sup> Professor Doutor Engenheiro Civil e coordenador do Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE/UFJF).

<sup>4</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo – UFJF. Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia (NASFE/UFJF).

<sup>5</sup> Graduando em Engenharia Civil – UFJF. Projeto Aprender para Prevenir: A Educação Ambiental no Contexto das Crianças do Ensino Fundamental.

<sup>6</sup> Graduanda em Serviço Social – UFJF. Projeto Aprender para Prevenir: A Educação Ambiental no Contexto das Crianças do Ensino Fundamental.

## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

(DEMLURB), apresentam-se propostas de atividades de caráter lúdico e multidisciplinar que, por meio da educação ambiental, despertam a consciência e o pensamento crítico do público-alvo acerca do seu papel na (re)construção de suas identidades sociais e territoriais, que afetam de forma direta a cidade onde reside. A partir dessa articulação entre instituições do Estado, Município e Universidade, o NASFE, em conformidade com o artigo 6º da lei federal nº 12.608/2012, integra núcleos multidisciplinares “destinados à pesquisa, extensão e capacitação de recursos humanos, com vistas no gerenciamento e na execução de atividades de proteção e defesa civil”. As atividades do NASFE-Educação alinham-se às campanhas anuais do Programa CEMADEN Educação, vinculado ao Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, que convidam Escolas de Ensino Básico, Defesas Cívicas e Universidades a mobilizarem as comunidades escolares para discutirem e refletirem sobre temáticas emergenciais de redução do risco de desastres. É uma iniciativa que almeja somar esforços na construção e no fortalecimento da proteção das nossas comunidades, além de atender aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), relacionados à capacitação das comunidades e construção de cidades resilientes aos desastres naturais. No ano de 2019, em concordância com a proposta “Reduzindo o Risco de Desastres: Ações Educativas em Tempos de Mudanças Climáticas”, foram desenvolvidas atividades com 68 alunos de três turmas do 5º ano da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, do bairro São Pedro, localizado no entorno da Universidade Federal de Juiz de Fora. Inicialmente, foi aplicado um questionário de avaliação prévia de conhecimento sobre o tema, com o propósito de entender as verdadeiras situações ambientais e sociais a que o público está submetido. Após a verificação das situações mais recorrentes e o planejamento das necessidades do público-alvo, foram realizadas oficinas de compostagem, reciclagem e identificação das áreas suscetíveis a riscos e desastres ambientais, tais como inundações, desmatamentos, queimadas e deslizamentos de terra, uma vez que já foram registradas ocorrências no município de Juiz de Fora. Dessa forma, o trabalho realizado possibilitou



## Pensando as práticas espaciais dos jovens nas cidades

aos alunos o reconhecimento do entorno onde vivem e a influência das condições climáticas nesses acontecimentos. Por compreender a importância que cada indivíduo tem e o impacto que causa no local onde vive, os membros do NASFE almejam contribuir positivamente para com as necessidades da comunidade e se empenham em atuar como agentes transformadores de futuros jovens, levando conhecimento às esferas sociais mais suscetíveis à ausência e/ou carência de informação. Por conseguinte, agem como indivíduos ativos, detentores de expectativas e conhecimentos técnicos, ao capacitar seu público a reconhecer e analisar previamente possíveis áreas de risco, bem como acionar, corretamente, o órgão responsável.